

SÁBADO, 21 DE MARÇO DE 1925

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1938

OS QUE TRABA- LHAM

No Século o sr. Trindade Coelho, desta vez sem citar o *Manual Político*, tradução e adaptação de seu Pai, faz um longo artigo justificativo do manifesto das «fórcas vivas». E conta-nos que, tendo dado uma volta pelo Minho, encontrou pelo Norte muita gente a trabalhar, uma verdadeira população activa.

Preteve, porém, o sr. Trindade Coelho fazer-nos imaginar que todo este trabalho é obra dos proprietários, dos industriais e dos comerciantes e que só o Estado é que é o parasita que quer viver à custa dessas laboriosas classes, origem de todo o trabalho e de todo o desenvolvimento económico do país. Ora a verdade manda que se diga o seguinte: não há dúvida de que o Estado, ou seja o governo, o parlamento, os funcionários, sobretudo os autoritários, nada fazem de útil e sugam, com o pretexto da sua utilidade, o próprio trabalho dos outros; mas também não há nenhuma dúvida que não são os industriais, os proprietários e os comerciantes que produzem todo esse trabalho explorando e sacrificando; estes indivíduos desempenham a mesma missão do Estado, são elementos sugadores, que vivem à custa do trabalho dos outros. Limitam-se a viver os outros trabalhar, tal como fez agora o sr. Trindade Coelho.

O Estado não faz nada e quer receber proveitos? Queixam-se os proprietários, os industriais e os comerciantes da parte que o Estado lhes quer levar? Mas que diabo, o Estado não faz mais do que representar o papel do sapateiro de Braga: consente em que toda essa gente viva explorando o trabalho dos outros, com a condição de dividir com ele o produto dessa exploração. Quem tem direito a reclamar, quem tem autoridade moral para o fazer, não são pois esses que exploram, nem o sr. Trindade Coelho em nome deles, mas os explorados por eles e pelo Estado, pois que os próprios impostos de que se queixam, acabam sempre por se reflectirem no povo trabalhador no aumento dos gêneros de consumo.

E interessante também da parte do sr. Trindade Coelho aquela referência aos homens bons, não distinguindo entre patrão e operário, nem entre monárquico e republicano, como se fosse tudo o mesmo e não houvesse uma grande diferença de moralidade entre um burguês que explora e um operário que trabalha e é por aquele explorado, bem como entre um republicano que deseja, embora sem o poder realizar, o governo do povo pelo povo e um monárquico que deseja o governo dum só, impondo ao povo a sua vontade. O que nos custa a compreender é que tudo isto possa germinar na cabeça de alguém que tanto admira o *Manual Político* e constantemente o cita, talvez no receio de não ter já hoje outro presídio senão o de ser o herdeiro do nome literário do falecido escritor.

Trigo para consumo da cidade

Vindo de Baía Blanca e São Vicente, chegou ontem ao Tejo o vapor inglês «Lucisan», trazendo 8.000 toneladas de trigo para Portugal e Colónias.

II Congresso da A. I. T.

Uma saudação dos Compositores Tipográficos de Lisboa

A Associação International dos Trabalhadores iniciou ontem na cidade de Amsterdão, conforme noticiámos, os trabalhos do seu segundo congresso.

A Assembleia da Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa, ontem reunida, votou a seguinte moção de saudação:

Considerando que se encontra reunido em Amsterdão o congresso mundial dos organismos aderentes à A. I. T.;

que neste congresso se encontra representada a C. G. T. portuguesa, à qual a Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa é aderente;

que este congresso deve sair mais robustecido a organização operária sindicalista;

que saída por intermédio de *A Batalha* o referido congresso, fazendo votos por que ele marque o início de uma nova etapa no robustecimento da organização operária;

Pretende-se reprimir a propaganda revolucionária no Japão

TOQUIO, 20.—A Câmara Alta votou várias penalidades contra as sociedades secretas que se propõem abolir a constituição e abolir a propriedade privada. — R.

A INFAMIA DAS PRISÕES

A opinião pública começa a protestar contra tamanha monstruosidade

Ao redor desse gravíssimo problema prisional, cuja situação miserável tem verificado, começa a produzir-se uma opinião pública que acabará por obrigar o Estado a cumprir o seu dever.

Como efeito, o abandono a que foi votada uma questão desta natureza, a desumanidade, a falta de inteligência que esse procedimento revela por parte dos diversos governos da monarquia e da república, justificam todos os protestos.

Todos os dias ouvimos aos diversos representantes desta sociedade burguesa os troços inflamados da má sédica retórica a propósito da «valorização da raça» — como elas dizem — e os costumados lugares comuns a respeito de assistência etc., etc...

Que valor, que sinceridade podem ter essas manifestações, se elas permanecem diferentes ante um caso de higiene social dessa natureza?

E' preciso que sobre matéria tan importante se manifestem os indivíduos de alguma responsabilidade intelectual; que todas as classes, pelos seus sindicatos, digam e que pensam e o que entendem, para que o clamor suba tão alto que os surdos ministros despertem do seu sono, e lancem, a vista para a miserável coisa que é o regime prisional.

A Batalha, no intuito de agitar questão tão oportuna, já recolheu alguns depoimentos que passamos a enumerar.

“Arrazar, arrazar todas as prisões, é o que estaria bem” — afirma o dr. Coelho de Carvalho

O dr. Coelho de Carvalho, jurísculto eminentíssimo, escritor dos mais ilustres, ouviu sobre tal assunto disse-nos prontamente:

— Sobre o nosso sistema, o sistema prisional não há, sequer, sistema...

— Empurram-se os presos, à tona, sem atender ao menor sentido criminalista, sem qualquer aspecto jurídico, para as mais imundas massmoras. E para essas massmoras, qualquer pardieiro em ruínas, qualquer convento medieval, qualquer fortaleza primitiva ou cárcere subterrâneo — tudo serviu!

— Nem ciência jurídica, nem dignidade, nem o sr. Trindade Coelho em nome deles, mas os explorados por eles e pelo Estado, pois que os próprios impostos de que se queixam, acabam sempre por se reflectirem no povo trabalhador no aumento dos gêneros de consumo.

— Encaram-se homens presos como feras. Não há sistemas, não conhecemos sistemas...

— E como entende o dr. que deve ser encarada a questão?

— Arrazando tais prisões, acabando com essa monstruosidade de picareta em punho, arrazar isso tudo, simplesmente arrazar!!!

O regime prisional e anti-scientífico, anti-moral e anti-democrático — declara-nos o jornalista sr. Vitor Falcão

Vitor Falcão, jornalista de categoria, homem culto e viajado, sem parti-pris político, declara-nos com maior espontaneidade:

— O regime prisional português actual tem, pelo menos, três defeitos gravíssimos: é anti-scientífico, anti-moral e anti-democrático.

— Explinar esta afirmação com a largueza que o assunto merece levar-me ia longe. Limitar-me-hei, pois, a dizer o seguinte: Não conheço, em nenhum dos países da Europa que os acasos da vida me fizeram visitar, prisões que se assemelhem, na falta de condições higiénicas, às que existem em Portugal.

— Não percebo como nesta época, em que predomina com razão o espírito científico, ainda existe um país (Portugal) onde há homens de Estado e juríscultos que defendem a teoria sedicosa e absurdosa de que a sociedade tem o direito de castigar o chamação criminoso.

— Acho ilógico que a República Portuguesa, que tanto blasona de democrática e cujos propagandistas foram os mais sémentais defensores dos direitos dos homens e das doutrinas da Revolução Francesa e dos Enciclopedistas, permita que os delinqüentes, de qualquer natureza, sejam tratados nos carcérios do Estado como se fossem verdadeiras feras.

— Isto é o mínimo que posso dizer.

Uma síntese trágica, dada pelo escritor Antonio de Certima

O escritor Antonio de Certima, vivamente impressionado como o relato macabro que está fazendo da vida miserável das prisões, traçou uma síntese trágica com as seguintes palavras que sobre este assunto escreveu:

— Do fundo lóbrego das cadeias, como do fundo sombrio dum raia trágica, sobre até no vozeiro lacrante dum legião de perdidos e encarcerados... Isto faz pensar com mais força que Portugal, espectro da dor humana, é um país de encarcerados...

— Façamos, pois, entrar na poça negra dos ergástulos um torrente de luz; ponhamos os gentes do meu país — os nossos corações a fazer uma estrada de luz, por onde o sol caminha salvando a humanidade...

— Amanhã continuaremos publicando as diversas opiniões que estamos recolhendo, entre as quais já figuram as de alguns sindicatos, verdadeiros representantes da opinião que têm de fazer ouvir a sua voz.

Faleceu Nofi

MOSCOW, 20.—Acaba de falecer o presidente do comité central soviético da maioria, sr. Nofi. — L.

O manifesto-burla da união dos exploradores do país

Como vinha sendo anunciado, a União dos Interesses Económicos botou manifesto ao país — um manifesto palavroso, mas desgraçado nas ideias que agita e na moral que revela. O que é a União dos Interesses Económicos já o sabem os leitores, já o sabem todos aqueles que vivem honestamente do seu trabalho, todos aqueles que não negoceiam com a fome do povo.

Por intermédio desse manifesto ficámos a saber que o desgraçado dos trabalhadores, nos consumidores — o que deseja a União dos exploradores que, roubando o povo, veem há anos arruinando o país.

Querem que se governe com firmeza; que se governe dentro da lei; que se governe com honestidade; que se governa com severidade; que se puna severamente o crime; que se «punam os interesses das classes...» de interesses opositos; que se ajude o desenvolvimento das misérias.

O ingénuo que ler aquele manifesto chega quase a convencer-se da boa-fé daquela gente; chega quase a esquecer-se que a U. I. E. é a união daqueles cavalheiros sem escrúpulos que nos têm feito passar as maiores agruras, que veem causando todas as misérias, todas as dores, todos os sofrimentos dum país inteiro que trabalha para amontoar riquezas colossais nos cofres de muitos de riquezas nacionais.

Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

Dizem elas:

— «É preciso que sobre matéria tan importante se manifestem os indivíduos de alguma responsabilidade intelectual; que todas as classes, pelos seus sindicatos, digam e que pensam e o que entendem, para que o clamor suba tão alto que os surdos ministros despertem do seu sono, e lancem, a vista para a miserável coisa que é o regime prisional.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se, logo no começo desse manifesto, que há de ficar na História como documento comprovativo da maior hipocrisia duma classe dominante e anti-social.

— Desnascaram-se,

O prédio onde está instalado "O Século" sob penhora

e João Pereira da Rosa processado por injúrias ao Tribunal de Arbitros Avindores

O sr. João Pereira da Rosa, o expoente máximo da rebelião patronal, o «meneur» da Associação Comercial, o fomentador de todo o ódio contra as classes trabalhadoras, está a contas com a polícia. Não julgues, porém, ingênuo leitor, que o chefe dos «cirineus» citadinos vai permanecer alguns dias no calabouço 8, do Governo Civil, ou ficar sujeito à incomunicabilidade de alguma esquadra! Não.

Isso é apenas privativo dos operários que tiveram a suprema osadia de construir essas valas humanas.

O chefe-mor das «fórcas-vivas» vai responder, por injúrias e desrespeito ao tribunal dos Arbitros Avindores. Mas, expliquemos o caso:

A Sociedade Nacional de Tipografia, proprietária do jornal *O Século*, promoveu há meses uma viagem a várias províncias do país no automóvel «Alfa-Romeo».

O sr. João Germano Gonçalves foi encarregado, pelo *O Século*, na mesma viagem angariar assinantes para aquele periódico. Feita a viagem, o sr. Gonçalves exigiu, como é natural, o pagamento do contrato. Contra toda a expectativa o patrão não lhe pagou. *O Século* afirmava-se assim um autêntico caloteiro. Então o lesado não viu outro processo para reivindicar o que lhe pertencia, senão recorrer ao tribunal dos Arbitros Avindores. Dele, pois, lançou mãos imediatamente.

Convém, aqui, explicar que a vinda em 10.000 contos de *O Século* já foi feita posteriormente, mas o activo e passivo foi para os nossos proprietários.

Era, por consequência, o sr. João Pereira da Rosa, quando o caso correu pelo respectivo tribunal, o réu e autor o sr. Gonçalves.

O respectivo juiz, nos termos da lei, couro o «cirineu-mór» a comparecer, o que este não fez. Fendo o prazo de oito dias que determina a lei, o sr. João Pereira da Rosa foi julgado à revelia, p/clar ação movida pelo referido empregado, e condenado no pagamento de 8.000\$00 (oitos contos) em favor do sr. Gonçalves.

Como não tivesse, no prazo legal, efetuado esse pagamento, foi pelo mesmo tribunal ordenada a penhora do prédio da *O Século*, 41 a 49, onde está instalado o seu jornal.

Mas não fica, por aqui, caro leitor, toda esta cena. Vais conferir melhor, e que atesta a educação que o agitador patronal pretende que o operariado receba.

Quando o respectivo oficial da diligências intimava a sentença ao sr. João Pereira da Rosa, este manifestou-se menos respeitosamente para o tribunal, motivo por que o juiz respondeu mandar lavrar um auto por «injúrias e desrespeito» que vai ser enviado ao tribunal da Boa Hora, onde o arguido terá que responder.

Temos, pois, o *O Século* sob penhora, por não ter pago os oito contos, e o sr. João Pereira da Rosa sobre o banco do réu, por ter injuriado o tribunal que o condenou.

E ainda as «fórcas-vivas», no manifesto que acabam de publicar, afirmam que a «anarquia» que lava pelo país se deve à falta de cívismo. E assim deve ser, a principiar pelo sr. João Pereira da Rosa.

INSTRUÇÃO

Curso de Trabalhos (História de Portugal)

O professor sr. Almeida Costa vai iniciar brevemente em Coimbra, em local que será previamente anunciado, um curso de História de Portugal.

Facultade de Medicina:

Tendo o Conselho de Finanças recusado o visto ao contracto celebrado entre a facultade de medicina da Universidade de Lisboa e o sr. Gabriel Marçal Gomes, para desempenhar o logar de ajudante de preparador do Instituto de Fisiologia da mesma faculdade, o ministro da Instrução manda publicar um despacho mantendo aquela nomeação.

Escola de Belas Artes do Porto

O director da Escola de Belas Artes do Porto conferenciou ontem com o ministro da Instrução sobre assuntos respeitantes àquele estabelecimento.

ESPERANTO

Um curso em Coimbra. — Na Biblioteca Municipal de Coimbra (sede provisória da Universidade Livre) está aberta a inscrição de alunos para um curso de Esperanto regido pelo sr. Eugénio Eliseu.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: «Abnegação» de J. Sanguino. Preço: \$50—Pedidos à administração de *A Batalha*.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Liga de Vendedores de Jornais. — Refinem os vendedores de jornais em assembleia magna, na travessa do Oliveira, 15, pelas 17 horas de amanhã a fim de tratar da criação de uma casa para os menores que se entregam à venda de jornais, do estabelecimento de um bilhete de identidade e da saída tardia de alguns que muito prejudica a classe.

Liga Pró-Morat. — Realiza amanhã uma matinée na Academia R. de Lisboa, R. Socorro, 11-C.

Uma óptima obra que ninguém deve deixar de aquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio S. «Os Mistérios do Povo» que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

Em defesa da arte dramática

Foi ontem entregue ao parlamento uma representação assinada por grande número de jornalistas, escritores e actores

Foi ontem entregue ao parlamento a seguinte representação:

Exmo Sr. Presidente da Câmara dos Deputados: Os abaixo assinados: actores, críticos teatrais, escritores e jornalistas, veem perante o poder legislativo, em defesa da arte teatral protestar contra o decreto 9764 (que já várias vezes tem sido prorrogado), pelo qual de futuro só podem exercer a profissão de actores os alunos da escola oficial da arte de representar!

Esse documento oficialamente repórta-se ao decreto de 25 de Maio de 1911. Ora o relatório que antecede este decreto lamenta a decadência do teatro nacional e elucida:

o teatro de propaganda animada que rompesse, audacioso e justiciero, contra o preconceito e o dogma, contra a podridão de cinema e o servilismo de baixa, éste teatro livre, irreverente e alto, mas generoso e emancipador só por acaso e raras vezes conseguia vêr a luz da ribalta». Isto em 1911. Estamos em 1925 e esse teatro «generoso e emancipador» continua a ser apenas representado pelos alunos da Escola-teatro, escola livre, dirigida pelo mestre Araújo Pereira.

Registava o supracitado relatório a circunstância de uma escola sindical existente, não satisfazendo as exigências do ensino porque a colectividade não possuia «material scénico». Pois bem, a Escola-teatro tem «material scénico». Mais, tem teatro próprio — o *Juvinalia*.

Argumenta o autor do decreto 9764 que é preciso promover o levantamento da arte dramática nacional. Estamos perfeitamente de acordo. Mas de que maneira?

Nós desejamos o teatro livre, aquele teatro preconizado pelo relatório-preâmbulo do decreto de 1911, o teatro «generoso e emancipador». Entretanto, o autor do decreto 9764 desculpa o levantamento da arte, pelo monopólio da arte!

Nós — os trabalhadores intelectuais não deixam passar sem protesto, esse crime de lesa-arte.

Escreve um defensor do teatro: «o levantamento da arte dramática está em substituição o teatro immoral e sem objectividade que se exibe, pelo teatro educador, desenvolvendo temas sociais.»

Diz o art. 3.º do citado dec. 9764 que de futuro «nenhum documento de licença [para representar] será passado pela Inspeção General dos Teatros sem que pelo artista seja apresentado o diploma da Escola de Arte de Representar.» Esse «diploma de artista dramático» só para os alunos que concluem o curso com (1.º ou 2.º) premios, mas só 1.º têm ingresso no Teatro Nacional. Todavia o art. 53.º acrescenta: — podem ainda alcançar o referido diploma os individuos estranhos à Escola que tenham exercido a profissão de artista dramático, devadamente comprovada, por tempo não inferior a cinco anos.» Isto é: de futuro pode representar uma corista que tenha exercido o seu mister em qualquer teatro, de feira, durante aquele período. Não podem representar os artistas com manifesta vocação, talento, saber, representando *com arte* o mais trabalho dos papéis cômicos ou drámatico! Não podem representar os amadores dramáticos, embora com manifesto valor. Não podem representar os alunos da Escola-teatro de Araújo Pereira, embora essa escola possua «material scénico», um teatro próprio, tem valores artísticos, e exiba o teatro «generoso e emancipador!» Parece que o legislador teve como objectivo atingir a Escola-teatro, a escola livre, de onde saem artistas conscientes.

Não, senhores legisladores, não consentis que se monopolize a arte.

Amanhã, outro decreto ampliará o 9764, e scenógrafos, pintores, escultores, caricaturistas, poetas, prosaiores, todos os trabalhadores intelectuais, carecem de licença ou antes de... matrícula!

Senhores legisladores, os abaixo assinados em defesa da arte dramática, vem repetidamente solicitar a revogação do dec. 9764.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1925.—Saúde e Fraternidade.

Gualdim Gomes, Rocha Martins, Pinto Quinta, Alvaro Neves, Afonso Lopes Vieira, Raúl Brandão, Francisco de Lacerda, Carlos Selvagem, Pedro Portela, Aquilino Ribeiro, José Parreira, J. Cardoso Gonçalves, Canhão Junior, Maria Clara Correia Alves, Francisco Reis Santos, Ladislau Batista, Martins Santareno, José Rehelo de Bettencourt, Guilherme de Moraes, Edmundo Frias, Amílcar Ramada Curto, Vitoriano Braga, João Correia de Oliveira, Nogueira de Brito, J. Ferreira de Castro, Oldemiro Cesar, Alexandre Ferreira, José Sarmento, Albino Forjaz de Sampaio, Camara Reis, Ferreira de Macedo, Augusto Pinto, Sacramento Duque, Pinto Monteiro, Manuel de Oliveira, Vitor Manuel, Emílio Costa, Cesár Barreiros, Alberto de Moraes, António Alves, Martins, Artur Portela, José Tagarro, José Rodrigues Migueis, Manuel J. Mendes, David Ferreira, Santos Ferro, Assis Esperança, A. Barbosa, Reinaldo Ferreira, Cristiano Lima, A. Evaristo, Machado Correia, Artur Santos Jorge, Albano Negrão, David de Carvalho, Mario Domingues, Carlos J. Carreiro, Mário Salgueiro, Belo Redondo, C. Ferreira, Jaime Brasil, Zuzarte de Mendonça, Adolfo Lima, António de Carvalho, Norberto de Araújo, Zuzarte de Mendonça filho, e os alunos da Escola-teatro: Emílio de Araújo Pereira, Georgina Gil, Pinto de Abreu, Maria Manuela, Manuela Porto, Líbia de Almeida, Leonor de Almeida, Sára de Melo, Flávia Rimaldo, Ester do Monte, Maria Silva, Cesar Viana, António Vitorino, António Campos, Manuel Rodrigues, Carlos Silva, Jaime de Carvalho, Carvalho Santos, Eugénio Silva, Elvira Gonçalves, Raúl Gonçalves, Anahory Silva, Rui Abreu, Artur Fernandes, António Barreto, e jornalistas: Jorge de Castro, Jorge de Abreu, Rui do Vouga, Edmundo de Oliveira, Agostinho Paulo, João Paulo Freire, Magalhães Forseta, Ferreira Martins e Amadeu de Carvalho.

Reunimos os vendedores de jornais em assembleia magna, na travessa do Oliveira, 15, pelas 17 horas de amanhã a fim de tratar da criação de uma casa para os menores que se entregam à venda de jornais, do estabelecimento de um bilhete de identidade e da saída tardia de alguns que muito prejudica a classe.

Liga Pró-Morat. — Realiza amanhã uma

matinée na Academia R. de Lisboa, R. Socorro, 11-C.

Uma óptima obra que ninguém

deve deixar de aquirir

Trata-se do romance histórico por Eugénio S. «Os Mistérios do Povo» que revela a história dumha família de proletários desde as mais remotas idades acompanhando os grandes acontecimentos da antiguidade.

Não devem deixar de assinar esta importante obra social

EDIÇÃO POPULAR E DE DIVULGAÇÃO JA SE ENCONTRAM PUBLICADOS 50 TOMOS CADA SÉRIE DE 10 TOMOS, 5\$00

O incidente na guarda fiscal

foi motivado por uma ordem mal interpretada do comandante do segundo batalhão

O governo, refugiando-se no quartel do Carmo, deu um cunho oficial à versão dum movimento conservador

Reproduzimos ontem as duas versões o boato de que esteve para estar uma revolução conservadora e o seu contra-boato: que não havia tal revolução conservadora, mas sim um caso de indisciplina na segunda companhia da guarda-fiscal, sem graves consequências. Ao boato dera volume, e até cunho oficial, a atitude do governo, contando-se nela tudo o que mais de perto se relaciona com a sua vida profissional. Os trinta capítulos por onde uma linguagem agradável e acessível deslisa, revelam-nos traços seguros, a grandeza das melhores figuras do nosso teatro, e recordam-nos a sua grande cravaria artística.

Braza afirma-se nas Memórias um espírito rectíssimo de apreciação quando entra a apreciar os seus contemporâneos, quando quer referir-se aos actores e atrizes ainda no começo da sua carreira, ou aos que logo ganharam jéca estimação do público.

As pugnas entre os actores e a sua amizade não faltou um «apropósito».

«Memórias de Eduardo Brazão» são pre-faciadas pelo escritor Henrique Lopes de Mendonça, que objectiva sabiamente o batalhão do actor, divulgando pela importância da arte dramática.

Esta edição da revista «De Teatro» está destinada a obter um grande êxito, sob o ponto de vista particular do artista visado.

Memórias de Eduardo Brazão

Foi posto à venda o livro «Memórias de Eduardo Brazão» numa sóbria mas curiosa edição da revista «De Teatro», que desta forma acaba de prestar mais um bom serviço ao teatro nacional. Foi o filho do grande artista que fez a compilação de todas essas notas interessantíssimas que constituem nitidamente a vida de Brazão.

Toda a sua carreira gloriosa do actor é acompanhada neste livro, com uma rara minucia e, com um especial carinho. Volume abundantemente ilustrado, as «Memórias» resumem os episódios mais salientes da vida do actor, contando-se nela tudo o que mais de perto se relaciona com a sua vida profissional. Os trinta capítulos por onde uma linguagem agradável e acessível deslisa, revelam-nos traços seguros, a grandeza das melhores figuras do nosso teatro, e recordam-nos a sua grande cravaria artística.

Braza afirma-se nas Memórias um espírito rectíssimo de apreciação quando entra a apreciar os seus contemporâneos, quando quer referir-se aos actores e atrizes ainda no começo da sua carreira, ou aos que logo ganharam jéca estimação do público.

As pugnas entre os actores e a sua amizade não faltou um «apropósito».

«Memórias de Eduardo Brazão» são pre-faciadas pelo escritor Henrique Lopes de Mendonça, que objectiva sabiamente o batalhão do actor, divulgando pela importância da arte dramática.

Esta edição da revista «De Teatro» está destinada a obter um grande êxito, sob o ponto de vista particular do artista visado.

Nogueira de Brito.

NOGUEIRA DE BRITO.

TEATROS, MÚSICA

E CINEMAS

Uma interessante festa no Teatrinho Juvenil

NOTÍCIAS

Promovido pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, realiza-se amanhã uma festa de confraternização e solidariedade no Teatrinho Juvenil subindo à cena os drama em três actos as «Irmãs» que serão desempenhadas pelos alunos da Escola Araújo Pereira. Tratando-se da sua festa de homenagem que o Grupo Dramático Solidariedade Operária presta ao distinto ensenador Araújo Pereira e seus discípulos, espera a comissão que os componentes deste grupo se não esqueçam de adquirir os bilhetes para assistirem a este espetáculo. Os bilhetes que restam podem ser adquiridos na administração de «A Batalha».

E' de esperar que os trabalhadores compareçam hoje no Teatrinho Juvenil.

O actor Carlos Abreu realiza hoje no Teatrinho Juvenil, uma conferência sobre Emerson Amado Nerys, notável poeta-músico.

A Escola Teatro Araújo Pereira representa mais uma vez a peça de Gaston Derville, «As Irmãs».

Notícias

Em consequência de não terem obtegido, ainda, alguns dos artistas contratados para a nova companhia do Eden, só amanhã reabrirá esta casa de espetáculos, estreado em duas sessões, uma companhia de variedades, de que fazem parte: La Yankee, e

Reclames

E' hoje que o antigo teatro Apolo de São Bento se realiza a «premiere» da revista. Pela sobraria à cena juntamente com a revista «Mola Real» cujo sucesso está desde há muito assegurado. Os autores desta última revista, a fim de num só espetáculo se poderem incluir a «Mola Real»

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE MARÇO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,29
S.	10	13	20	27	Desaparece às 17,44
S.	1	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	29	O.C. dia 8 a 9,10
S.	2	9	16	23	O.M. dia 23 a 10,11
T.	5	10	17	24	L.N. dia 28 a 3,40

MARES DE HOJE

Praiamar às 0,13 e às 0,47
Baixamar às 5,43 e às 6,17

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista	9500	9550
Londres, cheque	10000	10500
Paris	1007	1050
Suica	1059	1060
Bélgica	1054	1055
Holanda	1054	1055
Madrid	1054	1055
New-York	1050	1055
Espanha	1050	1055
Noruega	1050	1055
Suecia	1050	1055
Dinamarca	1050	1055
Praga	1050	1055
Buenos Aires	1050	1055
Viena (sitting)	1050	1055
Rentnor, os ouro	1050	1055
Agio do ouro	1050	1055
Libras ouro	10500	11000

Policlinica da Rua do Jardim do Tabaco, 90

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,29
S.	10	13	20	27	Desaparece às 17,44
S.	1	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	29	O.C. dia 8 a 9,10
S.	2	9	16	23	O.M. dia 23 a 10,11
T.	5	10	17	24	L.N. dia 28 a 3,40

Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais—Operações, as 2 horas.
Dr. Augusto Fonseca, Assist. da Fac. de Med.—Doenças dos olhos, as 2 horas.
Dr. António de Menezes, Ex-Ass. do Oscar Helene em Berlim—Ortopedia (Deformidades e paralisias em crianças e adultos—Tuberculose dos ossos). Fisioterapia (Elétricidade, massagem, luz, etc.) as 3 horas.
Dr. Bento Teixeira, Ex-Ass. da Fac. de Med.—Cirurgia, Doenças nervosas, as 3 horas.
Dr. Eça de Queiroz, Ex-Ass. da Fac. de Med., Ex-Ass. do Prof. Strauss em Berlim—Medicina geral, Doenças do estômago, intestinos e fígado. Endoscopia. Dietética, as 2 horas.
Dr. Euzebio Teixeira, Ass. da Fac. de Med.—Doenças das crianças as 3 horas.
Dr. Mário Cardoso, Ex-Ass. do Prof. Iacobson em Bruxelas—Doenças da pele e sifilis, as 2 horas.
Dr. Mário Bento, Ass. da Fac. de Med.—Coração e pulmões, as 3 horas.
Dr. Renato Brum, Monitor do Hosp. Necker em Paris—Doenças dos rins e vias urinárias, as 4 horas.
Prof. Marchithas, da Fac. de Med.—

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hospeclar—Raízes X. Rádio.

Ao Povo de Lisboa DEFENDAM-SE

Não mandem fazer fatos sem fazerem uma visita à Altaiafaria «Centro da Moda», onde se veste com mais economia, elegância e distinção.

Grande baixa de preços

Também se fazem fatos a feito para homens e senhoras. Grande facilidade de pagamento

Policlinica da Rua do Ouro Entrada: Rua do Carmo, 98

Para as classes pobres Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—As 4 horas. Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas. Rins, doenças urinárias—Dr. Miguel Magalhães—3 horas. Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e as 5 horas. Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Soeiro—1 hora e meia. Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos—2 horas. Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Pereira—2 horas. Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 horas. Estómago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas. Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas. Boca e dentes—Dr. Armando Lima—Horários. Ginecologia e rádio—Dr. Cabral de Melo—3 horas. Raio X—Dr. José de Pádua—4 horas. Análises—D. Gabriela Beato—1 horas.

Sistema americano

Grande alegria nos lares

GÉNEROS de mercearia e papelaria a retalho pelo preço de atacado. Rua de São Julião, 24 a 26.

JOIAS

Barreto & Gonçalves, Lda

Ourivesaria e Joalheria Compram e vendem brilhantes, pérolas, platina, ouro, prata, objectos de arte e antiguidades

TEIX. 3758 HORCE
RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 17
(Antigo R. de Santo Antônio)
LISBOA

AS MELHORES MEIAS
MAIS RESISTENTES E MAIS BARATAS, são as da rua dos Sapateiros, 70, 2º.

SERPOZIL NOBRE SOBRINHO

Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da TOSSE CONVULSA

E' laxativo e expectorante e de sabor agradável. I DÉPOSITO—Rua de Santa Justa, 45, 2º—LISBOA.

Teixeira Lopes & C. Lda

Azhnaga da Torrinha, ao Rêgo

e dos seus santos, S. Pedro e Santo André, meus patronos.

Apênas acabava de proferir estas palavras quando os nossos furiosos católicos, querendo possuir alguma parcela do bemaventurado corpo de Bartolomeu, se lançaram sobre ele, e passou-se uma cena muito extraordinária, assim contada por Baudry, arcebispo de Dole, testemunha ocular do facto, (na sua História da tomada de Jerusalém).

Logo que Pedro Bartolomeu saiu da fogueira com a sua santa lanza, a multidão lançou-se sobre ele e pôz-o aos pés, porque todos queriam tirar-lhe algum pedaço de camisa; fizeram-lhe muitas feridas nas pernas; cortaram-lhe muitos pedaços de carne, partiram-lhe algumas costelas e até a espinha dorsal; de modo que teria expirado, segundo cremos, se Raimundo, senhor de Pellet, ilustre cavaleiro, reunindo alguns soldados, não se houvesse precipitado no meio da população em desordem, e com perigo da vida não tivesse salvado Pedro Bartolomeu.

Depois de tão severa lição dada a similhante velhaco, Fergan chegou-se para o grupo dos soldados que transportavam para uma casa próxima o charlatão.

E' o justo castigo da cega estupidez a que condenam estes desgraçados por um cálculo infame, tanto pai, padre católico, como os teus iguais, disse Fergan ao ouvido de Bartolomeu.

O marelhe voltou-se furioso; mas o servo de separou entre a multidão e tornou para o lado da fogueira então totalmente abraçada. Num dos seus ângulos, amarrada ao poste, aparecia Azenor; os pés firmavam-selhe sobre uma tábua à qual já iam chegando as chamas. Na distância de alguns passos da vítima, o duque de Aquitânia, de joelhos entre os padres, que repetiam os psalmos dos defuntos, exclama de vez em quando entre soluções:

— O meu padre em Cristo, para merecer a misericórdia divina, juro e faço voto de abandonar todos os meus bens à santa Igreja católica, apostólica, romana! faço votos de seguir a santa cruzada descalço e vestido de saco! faço voto de me calar por toda a vida no fundo de um mosteiro quando regressar a Gália, faço voto de morrer nas austeridades da penitência, esperando até ao fim a absolvição do meu abominável pecado!

— Senhor! Senhor! lava-me da mancha! que o meu arrependimento e o justo suplício desta judia imunda mereçam o meu perdão!

Livraria de A BATALHA

Obras de literatura, ciência e ensino

Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00	Sistema dos meios e ficções religiosas.....	15\$00
Alexandre Herculano—O monge de Cister (2 vols. enc.)	20\$00	Aguas claras.....	6\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	20\$00	Imagens de Sôbô.....	1\$00
Cartas (2 volumes).....	20\$00	Victor Hugo—França e Bélgica.....	20\$00
Adolfo Lima—Contrato do Trabalho.....	20\$00	O Reno (2. v.).....	12\$00
Educação e ensino.....	5\$00	Os Misérables (2 grossos vol.) ilustrados, encadernados.....	40\$00
O ensino da História.....	5\$00	Zola—A Taberna.....	12\$00
Aquino Ribeiro—Anátola France.....	3\$00	Tereza Raquia.....	6\$00
Estrada de São Tiago.....	10\$00	Alegria de viver (1 vol.).....	10\$00
Jardim das Tormentas.....	10\$00	Fecundidade.....	20\$00
V a Sinuosa.....	10\$00	A fortuna dos Rougon, (2 vol.).....	10\$00
Augusto de Souza—Fôlhas perdidas (2 vols.).....	10\$00	Uma página de amor.....	9\$00
Bento Faría—Miss nova (teatro em verso).....	1\$00	Dr. Pascal.....	10\$00
Binet-Sangié—A loucura de Jesus.....	5\$00	Zargame—origem da vida.....	7\$00

Publicações sociológicas

...—Organização Social Sindicalista Antonelino—A Russia bolchevista.....	3\$00	...—Amor livre.....	2\$00
Sr. Albert—O amor livre.....	5\$00	Dufour—O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes).....	10\$00
Emilio Bossi—Cristo nunca existiu.....	5\$00	Geo Williams—Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou.....	6\$00
Gladiator—A questão social da Brasil.....	1\$00	Gustavo le Bon—As primeiras consequências da guerra.....	1\$50
Prado Mendes—Ensaio de sociologia.....	5\$00	Ensaiamentos psicológicos da guerra europeia.....	8\$00
Campos Lima—O Estado e a evolução do Direito.....	12\$00	Guyau—Ensaio dum moral sem obrigação nem sancção.....	5\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00	Educação e Hereditariade.....	5\$00
Buckner—O homem segundo a A. Religião.....	12\$00	Hamon—A conferência da paz e a sua obra.....	5\$00
A. Cidade e as Serras.....	12\$00	As lições da guerra mundial.....	5\$00
Prado Mendes—Ensaio de sociologia.....	5\$00	O movimento operário da Grã-Bretanha.....	5\$00
Casa Ramires—Provas Barbas.....	15\$00	Psicologia do socialista-anarquista.....	5\$00
Ecos de Paris.....	9\$00	A crise do Socialismo.....	5\$00
Cartas Familiares.....	9\$00	Henrique Leão—O Sindicalismo,.....	5\$00
Cartas d Inglaterra.....	9\$00	Heliodoro Salgado—O culto da Imaculada.....	10\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00	M. n.trias religiosas.....	3\$00
Últimas páginas.....	15\$00	Justus Ebert—O I. W. W. na teoria e na prática.....	3\$00

Ernesto Haeckel—História da Criação.....	20\$00	Krapotkin—A mocidade.....	3\$00
Orfeu do Homem.....	4		

A BATALHA

DESUMANIDADE REVOLTANTE

Uma criatura gravemente doente vítima dum acto de despejo

Só uma estatística exacta possuia o poder de compreensão do que vai por essa Lisboa em matéria de despejos. Só uma análise profunda, recheada de todos os cambiantes, faria deslizar no ecrã da vida todo esse cortejo de miséria que nas escadas, em plena ria sofre os olhares indiscretos do mundo que passa, da vida que corre. Sim, só nua estatística teria o fúror combativo contra a ignominiosa acção dos proprietários dos prédios.

Soluços infantis, gemidos adolescentes, ante tudo o coração empoderado dos homens de dinheiro passa em cavalgada diabólica, numa velocidade que pasma. Sentimento, carácter, consideração, tudo, tudo é banalidade que se perde, futilidade que não se presente.

Ausência de sentimentos, sim! Mas sobretudo sede insaciável de dinheiro, apetite devorador de escudos. Que rebentem de frio, que se contorcem de dôr dezenas de famílias, mas que os cofres se enchem.

Quasi diariamente, ante os nossos olhos, passa um cortejo de desgraçados que a fúria dos senhores lançou à rua e colocou os seus haveres sob as intempéries. São queixas sobre queixas. Senhores que os expulsam de suas habitações, em condições revoltantes, juízes que exorbitam, polícias que se excedem, tudo esta redacção auscultativa, em lamentações que chocam.

São esposas que choram, mães que supcionam, crianças que gritam num troquel que assusta e que veem em correria nervosa exteriorizar os seus queixumes; gritar a sua mágoa. E o reporter nervoso corre os lugares indicados, e a negra miséria abre as fauces iracundas em expressões de morte.

Ontem de tarde, uma senhora de regular apresentação, veio prevenir-nos de que mais um despejo se tinha efectuado, mas este em condições verdadeiramente desumanas.

Fomos inquirir do que se passava. A esca-
da do prédio nº 11, da travessa do Car-
mo, oferecia um aspecto desolador. Todo o
mobiliário, toda o menage de Miguel Luís
estava ali custodiado por dois polícias.

No crepusculo da escada, fisionomia ca-
davérica, cobrindo um recém nascido divi-
saram uma mulher que com expressão doen-
tia nos fitou. Declinamos a nossa identi-
dade.

Alegria inesperada iluminou aquele qua-
dro. Era o lenitivo que chegava, naquele momento tan doloroso.

O sr. é de A Batalha?

—Sim, somos.

—Ainda bem. Veja o que nos fizeram. Tudo aqui na escada, e eu com a renda paga até ao fim do mês...

Diga-nos a que obedece este despejo...

Maria Emilia de Sousa, depois do con-
sentimento de seu marido Miguel Luís, principia assim a sua narração:

—Há seis meses que era hospede de Ma-
ria José Lomelinho Peresfelo, no 2º andar
deste prédio. Sempre paguei a minha ren-
da com prontidão. Sei que existe uma ques-
tão entre o inquilino e o senhorio que é o sr. Fernando de Almeida, ria Ivens, 7, e em
virtude dela as rendas vêm há tempo sendo
depositadas.

—Segundo me informaram a causa foi jul-
gada e o inquilino perdeu. Ficou como é
natural a situação deste muito ameaçada.

Maria Emilia de Sousa suspende a sua his-
tória. Visivel canção cortava-lhe a sua
descrição. Depois prossegue:

—Há dias o procurador veio oferecer-
nos 500\$00 para desalojarmos a casa. Eu,
porém, respondi-lhe que só o faria quan-
do tivesse casa.

Era desumano obter desta criatura outros
informes. O seu estado de saúde não lho
permittia. Seu esposo acrescentou:

—Minha mulher há um mês que um di-
fícil parto a prostrou no leito. O dr. sr. An-
tonio de Carvalho passou-lhe este atestado
em que reconhece o perigo da sua saúde
e denuncia os perigos que o acto de hoje
pode motivar.

—A-pesar-disso dois beleguins da Boa-
Hora ainda não há muitas horas nos ex-
pulsaram de casa e nos arremessaram para
aqui a despejo de eu rogar que me des-
sem 4 dias, 5 dias para me mudar. Nada
nos valeu. Nem a renda paga até ao fim do
mês, nem a doença da minha mulher.

Agora fala D. Alcina Ermelinda Teixeira:
—Eu também fui vítima do despejo. Vi-
via na mesma casa, mas numa outra de-
pendência. O que se praticou agora re-
veste um carácter de excepcional gravidade.
Não por mim, mas por aquela desgraçada
que na escada gemo o pésa destas infânia
se deve levantar a voz autorizada do vosso
jornal.

—Aquela parturiente pagava 200\$00 e há
pouco mais dum mês que o seu filho viu a
luz desse mundo tão ingrato, tão périzo e
desumano.

—Diga isto em A Batalha, que eu não
recreio nada...

E quando regressámos ao jornal uma vida
passou vertiginosa. Tanta injustiça, sem-
bante barbaridade só um D. Fernando
pode conceber...

Quando A Batalha circular por essa
Lisboa é possível que a vítima da sua de-
sumanidade em afrontas convulsivas sofra
o peso de semelhante ignominiia.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Os «fórcas vivas» de Ervedal abusam da situação dos rurais

ERVEDAL, 19.—Um industrial moagaeiro
desta localidade está abusando da situação
em que a crise de trabalho colocou os rurais,
dando trabalho apenas aos que não são sindicados, demonstrando assim mal-
dade e estupidez crassa, pois a fome dos
que têm ideias não lhes arreda do espírito.

A farinha está-se vendendo a 25\$00 os 10
quilos, e os lavradores, que em Agosto de
1921 acordaram entre si não pagar menos
do preço de cinco quilos de farinha aos
rurais, estão-lhes agora dando salários de
800\$00.—E

AS GREVES

Os armadores de Olhão completa-
mente em cheque

OLHÃO, 15.—Devido a uma entrevista
que a U. S. O., teve com o governador ci-
vile, este compareceu ontem nesta vila, ten-
do, a seu convite, a U. S. O., a direcção
marítima, os delegados da Federação Mar-
ítima e os armadores reunido em conjunto.

O que então se passou na presença da
queila autoridade, é tudo o que há de mais
imoral para os armadores.

Estes pela forma como apresentaram a
questão, demonstraram a tóda a gente, que
estavam combinadas para desvirtuar o ver-
dadeiro significado que originara o conflito.
Assim, levaram a sua cunhadia, a sua imora-
lidade, ao ponto de afirmarem que os de-
legados marítimos tinham à navalhada e à
acetada impedido que os marítimos de
Quarteira embarcassem (a traer os seus ca-
maradas) no cércio «Cavalo de Madeira».

Outras infâncias mais a estas se seguiriam,
que foram combatidas pelos elementos da
organização operária.

Por mais que o governador civil, e a
comissão operária procurassem chegar a
um acordo com os armadores, nada conse-
guiram derivado à irreversibilidade daques-
les cavalheiros. Foi tão grande a imoralida-
de dos armadores, nesta reunião, que
chegaram ao ponto de declarar: o «roubo»
existe porque nós queremos e além disso
nós próprios não nos entendemos uns aos
outros.

Em face disto, foram completamente bal-
dados todos os esforços do governador ci-
vil, para estabelecer uma plataforma com
honra para ambas as partes. A ponto mesmo
daquela autoridade, reconhecendo a justiça
que assistia aos marítimos, exclamar: «a
vostra reclamação é tudo o que existe de
mais moral!

Como visse que nada se conseguia dos
armadores, ou por outra, do sr. João Cor-
reia, que demorou — para vergonha dos
armadores — que não se chegava a um acordo
com os marítimos é por que ele não queria.
Porque era ele que como presidente da As-
sociação Industrial coagi por meio de to-
dos os subterfugios, os industriais a não
entrarem em negociações com a Associação
Marítima.

Mais casos de importância se passaram
ainda, que contra nossa vontade não os
descrevemos, por termos repentinamente
caído de cama. Porem ainda que a custo,
diremos que tóda a imprensa se fez repre-
sentar. Esperamos que os seus relatos rela-
tem com a máxima lealdade e imparciali-
dade tudo que nessa reunião se passou.—C.

O conflito de Olhão agrava-se devido à in-
transigência dos armadores.—Ameaças
e agressões

OLHÃO, 19.—O conflito marítimo torna
cada vez maior incremento devido à má fé
dos armadores que persistem em não querer
negociar com a Associação Marítima.

Sempre na louca esperança de vencer o
movimento, os armadores vão acreditando
nas palavras do seu presidente que preten-
de dar um golpe de morte na classe marítima.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de trabalho e redu-
zir os salários.

António Inácio Martins, em nome da
F. C. C., faz um ataque cerrado aos «Ciri-
neiros do balcão e da finança» denunciando os
nefastos intuios da União dos Interesses
Económicos. Faz uma clara exposição das
teorias sindicalistas revolucionárias, aconselhando os operários a organizarem-se forte-
mente para tomarem conta da produção.

Por último foram nomeados os corpos
gerentes do S. U. C. C. que ficaram assim
constituídos: Direcção: Secretário-geral,
Abílio Augusto Belchior; secretário adjunto,
António José da Silva; secretário arqui-
vista, Armando Gonçalves; tesoureiro, António
Gonçalves; vogal, António Pacheco. Delegados à U. S. O.: Abílio Au-
gusto Belchior, António Gonçalves e António
José da Silva.

O presidente falou durante bastante tem-
po no sentido de aconselhar os trabalhado-
res a organizar-se para se defendem das
arremetidas dos industriais, que pretendem
esfrangalhar o horário de